



Director literario:
Ataíde
PAPIM

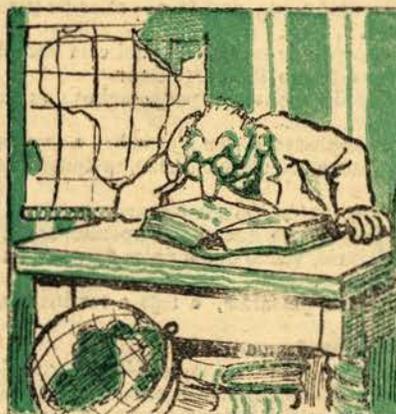
SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:
Eduardo Collares
PAPUSSE

JEREMIAS BARZAUM

amigo do «Pim-Pam Pum»



Jeremias Barzaum, geólogo e numismata, era um grande entusiasta pelo nosso «Pim-Pam-Pum!»

Farto das terras mundanas, e ansioso por viajar, resolveu ir estudar as parágens africanas.

Eis na Guiné Barzaum, á sombra da bananeira, com expressão prazenteira, a lêr o seu «Pim-Pam-Pum!»



Porém, de chofre, ó que espíga vê meia dúzia de feras: hipopótamos, panteras tígres, leões duma figa!

Mas não ha f'ridos nem mortos; não lhe fazem mal algum! a lerem o «Pim-Pam-Pum» ficam-se os bichos absortos.

Mentiras que Deus perdoa

POR

Fernando A. Simões

:: Desenhos de Tiotónio ::

(Continuação do número anterior)

POREM, na idade-contemporânea, isto é, naquela em que vivemos, esta maneira de pensar desapareceu completamente, e embora existam ainda analfabetos, primeiro do que todos, têm elles a consciencia da sua vergonha, e procuram escondel-a o mais possível.

Sendo assim pequenos leitores (e que este nome vos encha de alegria, pois é a prova de que sabeis ler), sendo assim, como ia dizendo, não deveis estranhar que a Valéria fôsse completamente impossivel o decifrar as palavras que aquelas folhas de papiro continham.

O resto da tarde e a noite que se seguiu, foram de cruel angustia para Cláudia e Laonte aquem aquela havia contado.

Os dois pequeninos temiam, pela sua sorte, pois que os aterrorava o castigo que o seu senhor não deixaria de lhes dar quando visse que aqueles papeis era de cristãos, mas também, mais ainda talvez, pelo desenvolvimento do cristianismo, pois receavam que aqueles rolos de papiro contiuessem alguma declaração de importância.

Felizmente tal não succedia, e se é verdade que para os cristãos aquêles papeis eram importantissimos, para os pagãos a sua importância era nula, pois não perceberiam do que se tratava, porque os papeis nada de preciso indicavam, e estavam escritos duma forma vaga que se prestava perfeitamente a duas interpretações.

Infelizmente os dois pequenitos ignoravam isto, e a noite que passaram, ou quasi sempre acordados ou tendo horríveis pesadelos nos poucos minutos que dormiam, foi terrivel.

No dia seguinte, Cláudia e Laonte haviam-se levantado cedo, como de costume, e correram presurosos a servir os seus pequeninos senhores, na áncia de se lhes tornarem agradáveis.

Apenas Valéria, ao vêr a perturbação de Cláudia, se sorria com uns modos que gelavam o sangue nas veias da juvenil grega.

A tarde, Valéria e o irmão saíram de liteira com o pai, quando voltaram, um escravo veiu ao quarto de Cláudia preveni-la de que o seu senhor a esperava no átrio, e seguindo-lhe na mão, arrastou-a após elle.

Aulo Gláucio, era um poderoso patricio romano muito das boas graças de Nero.

De índole generosa, o seu coração, que na sua mocidade era, brando e afável, havia-se tornado lentamente, duro e rispido, perante as scenas de barbarismo que por toda a parte presenciava.

Os seus dois filhos haviam-lhe preenchido o vácuo que sua esposa lhe deixara no coração, e não havia capricho algum que lhes não satisfizesse.

Não obstante haver-se-lhe já endurecido o coração, tinha muitas vezes, rasgos de generosidade que assombravam os amigos.

Para que tal succedesse era necessário que estivesse muito bem disposto, de «bom humor».

Por infelicidade, estava numa das suas occasiões de mau humor quando mandou chamar Cláudia, e tudo indicava seria a infeliz mezinna quem lhe pagaria a indisposição.

Quando ella chegou, Aulo Gláucio, rodeado dos seus dois filhos, passeava dum lado para o outro, muito agitado. Julgando que aquella cólera era devida aos rolos de papiro, Cláudia estremeceu.

No entanto, com grande espanto seu, foi com voz quasi carinhosa que Aulo Gláucio lhe perguntou:

— Cláudia, onde descobriste os pergaminhos que Valéria te tirou?

Mas como não soubesse o que responder, e receasse a todo o momento traír o seu segredo, Cláudia conservou-se munda.

— Não ouves? perguntou Valéria elevando a voz.

— Vejamos? Porque não queres tu responder? perguntou ainda Aulo Gláucio, vendo que a única resposta da escrava era o silencio.

Alguns segundos se passaram, e logo a voz irritada de Valéria bradou:

— E' demais! Respondes ou não?

Apenas a despreocupação de Aulo Gláucio, que dava ocasião a que os filhos procedessem como quizessem, poderia admitir que elles falassem assim na sua presença.

Mas, ou porque o tom de voz de sua filha o fez irritar, ou porque algum pensamento amargo lhe atravessou a mente, Aulo Gláucio, crescendo para a joven grega que estremeceu e tránsida de medo, recuou, bradou com uma voz que causava calafrios:

— Ah! Tu não queres responder? Está bem!

E pegando num martelo de prata, deu com elle uma pancada sonora no gong.

Sporus entrou, e ao vê-lo, Cláudia não pode reprimir um estremezimento.

— Ah! Tremes? Tens medo? Pois então dize, ¿Onde descobriste tu aquêles rolos de papiro?

Como temos visto, Cláudia tinha uma enorme força de vontade, e a despeito do medo que tinha conservou-se calada.

Aulo Gláucio esperou um momento, e como a resposta não viesse:

— Sporus, leva-a e da-lhe vinte açoutes.

Um grito de terror se escapou dos lábios da pobre menina: ella sabia bem como era terrivel aquele castigo dos açoutes.

Ao ouvi-la gritar, Aulo Gláucio, voltou-se vivamente, talvez já arrependido da ordem que dera.

— Por Jupiter! Se não queres apanhar, fala!

Ainda desta vez a resposta foi o silencio; desesperado, mal podendo admitir que uma miserável escrava lhe ressi-tisse daquella maneira, ordenou:

— Leva-a, e da-lhe vinte e cinco.

Neste momento abriu-se violentamente uma das portas,

Laonte entrou, e correndo, dirigiu-se a Aulo Gláucio, aos pés de quem, ajoelhou.

— Perdôa-me, senhor! Os pergaminhos... são meus!

— Teus! perguntou Aulo Gláucio, num tom de voz que indicava perfeitamente a indiferença que lhe causava o serem dum ou doutro.

— Sim, nobre Gláucio!

— E onde os descobriste? Dize-me, por Polux, visto que me pareces mais resolvido a falar que tua irmã.

«Por Venus! Creio que as mulheres são ainda mais teimosas que os homens.

Laonte respirou fundo; hesitou um momento, como se lhe custasse o resolver-se a mentir, mas depois, encolheu os ombros e começou:

— Escuta senhor! No mercado aonde me costumava mandar com os outros escravos, há um vendedor de fruta ao qual todos os dias compramos parte da sua mercadoria. Um dia, numa questão que tivemos, êle atirou-me com uma laranja à cabeça, e eu, por vingança, roubei-lhe estes papeis, julgando que lhe fariam falta. Como não sei ler, e ignoro portanto o que contem, não mais lhes liguei importância. Ontem perdi-os, e se tua filha os encontrou nas mãos de Cláudia, é porque ela os achou, e estaria talvez vendo o que era.

— Duzentas chibatadas! Duzentas chibatadas!

«Não queremos ladrões em nossa casa! exclamou Lepido, irmão de Valéria, que se conservava calado enquanto a questão fôra com Cláudia, mas que se intrometêra logo que nela entrou Laonte.

Aulo Gláucio passeava pelo aposento; os seus pensamentos pareciam ter abrandado, pois estava mais tranqüilo.

Ao ouvir a exclamação de seu filho, levantou a cabeça e fitou o tecto, como se o seu pensamento andasse por muito longe; depois encolheu os ombros e murmurou:

— Sim, tens razão! Algumas chibatadas ensiná-lo-ão a não roubar aos outros, o que aos outros pertence, mas duzentas é muito. Cincoenta bastar-lhe-ão.

«Sporus, leva Laonte e dá-lhe cincoenta vigorosas chibatadas.

«E agora meus filhos, vão preparar-se, pois estamos esta noite convidados para um jantar em casa de Diómedes, donde não voltaremos senão amanhã.

E preparava-se para sair, quando se sentiu agarrado por uma das pregas da toga.

— Que é? Que mais temos? Quererás tu para ti algumas das chibatadas que pertencem a teu irmão? Por todas as Fúrias! Sem dúvida que as merecias. Ensinar-te-iam a não ser tam calada quando é preciso falar! exclamou êle ao vêr que era Cláudia.

Esta, quere falar, gritar que seu irmão está inocente, que tudo quanto êle disse fôra apenas uma mentira para a salvar a ela, mas ai! a angústia de que está possuída oprime-lhe a voz, e não consegue fazer ouvir um único som.

Sentindo o terror apossar-se dela, vê o seu senhor sacudi-la rudemente e afastar-se com seus filhos sem retirar a ordem que dera a Sporus, o qual partira já, levando seu irmão, para lhe dar as cincoenta injustas chibatadas.

E ela, muda de dôr, pensando no tormento que seu irmão irá sofrer, fica-se ali, torcendo os braços e chorando convulsivamente.

Súbito, tem uma inspiração. Corre, abre uma porta, precipita-se por um corredor, empurra os outros escravos que lhe estorvam o caminho, e vai direita ao jardim. Mas ai, mau grado seu, pára; ao longe ouviam-se ruidosas gargalhadas, soltadas decerto pelos escravos que assistiam ao supplicio de seu irmão, pois que por entre os risos se ouve de quando em quando o ruido compassado duma chicotada.



Leva então as mãos ao coração, para evitar que êle estale, levanta os olhos ao céu, como que a pedir misericórdia ao seu Deus, e cai inanimada...

Maior ainda do que êste, era o tormento que Laonte passava. O bom rapazinho que para salvar sua irmã afrontara as iras do seu senhor, quasi nem sentia a dôr física que lhe causavam as chicotadas, tanto o afligia a dôr moral, ao pensar na mentira que pregára.

Muitas vezes, ouvira êle dizer a Pedro, naquelas reuniões nocturnas em subterrâneos húmidos e frios:

— Meus filhos: acima de tudo, mais ainda do que a nós próprios, devemos amar a verdade!

«Não mintamos jámais, ainda que a verdade nos magõe, pois só com a verdade, e o amor a Deus, conseguiremos ganhar o Céu!

Estas palavras martelavam cruelmente o cérebro do bom Laonte, que chorava pensando que por ter mentido era indigno da religião que adoptara, pois um bom cristão não deve nunca mentir...

... E nessa noite, ante os olhos espantados e compadecidos de algumas dezenas de escravos, um rapazinho duns 12 anos de idade, levando pelas costas um manto que devia ter sido branco, mas que estava já vermelho devido ao sangue que delas escorria, ajoelhava perante o apóstolo Pedro, e por entre copiosas lágrimas, supplicava-lhe que lhe perdoasse por ter mentido pela vez primeira, desde que abraçara a religião de Cristo.

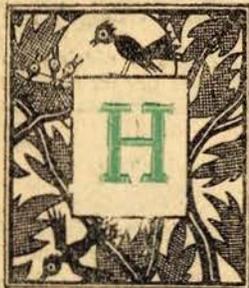
F I M



OS COELHOS BRANCOS ENCANTADOS

POR ILDA CANDIDA REIS DE SOUZA

: : DESENHOS DE TIO TÓNIO : :



HAVIA, em tempos remotos, um rei muito poderoso, que tinha uma filha de beleza extraordinária.

A princesinha tinha por costume, ir tomar banho num tanque situado ao fundo do seu jardim.

Mas, um dia, em que estava, como de costume, tomando o seu banho, viu ao pé de si uma porção de coelhos brancos. Com uma das suas ligas de ouro,

preendeu um coelho e foi acabar de se vestir. Quando voltou, já não encontrou o coelho, que tinha fugido, levando consigo a liga, pelo que a menina ficou muito triste.

Quando, no dia seguinte, também estava tomando banho, tornaram a aparecer os coelhos, prendendo um, como na véspera, com a outra liga doirada. Acabando de vestir-se, voltou para levar para casa o coelho, verificando que também desaparecera como o outro.

Chorou muito de tristeza, mas, desejosa de novamente se encontrar com os coelhos, tornou no dia seguinte ao tanque do jardim.

Como nos dias anteriores, apareceram inúmeros coelhos, e a princesinha, não podendo resistir à tentação de possuir um, prendeu-o com um cordão que trazia, mais bem seguro que os outros.

Qual não foi, porém, o seu espanto, ao vêr que também conseguira pôr-se em fuga, levando o cordão.

A menina sofreu um tão grande abalo, que deixou de falar, com grande surpresa de seu pai e de toda a corte, que ignoravam a causa deste fenómeno.

O rei, seu pai, mandou deitar pregão por toda a parte, dizendo que, quem conseguisse fazer falar a filha, se fôsse homem, casaria com ela e, sendo mulher, lhe daria tudo quanto quizesse, em dinheiro ou haveres.

Vieram pretendentes de toda a parte, mas, por mais que fizessem, nada conseguiam.

Até que a notícia chegou a uma velhinha que morava no alto da serra e que prometeu, fazer falar a menina. Caminhou até ao palácio, mas, como era muito trôpega e via pouco, perdeu-se, indo por outro caminho até muito longe.

Já era sol-posto, e, tendo-se escondido atrás de uma lage, viu chegar uns soldados que intimaram: — Abre-te pimentão!

Imediatamente a lage se afastou, deixando a descoberto um buraco por onde os soldados se meteram.

A velhinha fez o mesmo, e, entrando, viu um burro verde, com umas cangalhas verdes e uns cântaros verdes.

Disse, de si para si: — Já tenho que contar à princesinha. Mais adiante, viu uma meza posta com muitas fatias de pão. Como estava com fome, tirou uma.

Andando, encontrou um caldeirão, cheio de caldo, ao lume. Ia para molhar a fatia, mas uma voz se ouviu: — Não mexas no que não te pertence.

Foi andando e viu um quarto com um leito muito bem arranjado e aberto, como que esperando que alguém se deitasse.

A velhinha, como estivesse cansada, deitou-se debaixo do leito e adormeceu.

Altas horas da noite, foi despertada pelo barulho que faziam muitos coelhos brancos ao entrar no quarto.

Um deles, despiu a pele de coelho e imediatamente se



transformou num lindo príncipe. Lavou-se, e, sentando-se na cama, disse estas palavras :

—A liga, a liga, o cordão, o cordão,
Quem me dera a vossa dona
Que me prende o coração.

Repetiu isto tres vezes e deitou-se. No dia seguinte, tornou a vestir a pele de coelho e partiu.

A velhinha, que tudo vira, logo se dirigiu ao palácio, chegando lá ainda muito cedo.

Pediu licença para entrar às sentinelas.

Estas fizeram muita troça da velhinha, pois tantas pessoas que tinham vindo, não tinham conseguido nada e queria ela agora, fazer falar a menina.

Mas, tanto insistiu, que a deixaram ir até ao quarto da doentinha.

Começou por contar que num buraco tinha visto um burro verde com cangalhas verdes e uns cântaros verdes. Logo que isto ouviu, a princeza deu uma gargalhada.

Depois tirou a fatia de pão que queria molhar no caldeirão e contou o que sucedera. A menina riu ainda muito.

Quando, finalmente, falou nos coelhinhos brancos e na scena que observara de debaixo da cama, a princeza deu um grito de alegria e começou logo a falar muito, pedindo com instancia que a deixassem ir com a velha imediatamente.

O rei pôs um coche às suas ordens, partindo as duas logo em seguida.

Quando já iam longe, o rei, pensou, então, que a velha

talvez fosse alguma feiticeira e mandou os soldados em sua perseguição.

Chegando ao pé da lage, a velha disse como ouvira já :

—Abre-te pimentão!

E, quando esta se afastou, entraram pelo buraco.

Os soldados, que já não chegaram a tempo, puzeram-se a dizer à lage :

—Abre-te cravo cabecinha, abre-te noz moscada, abre-te colorau! Mas, não atinando com as palavras, foram-se embora, muito desanimados.

Por sua vez, a menina e a velha viram, logo que entraram, o burro e as cangalhas verdes. Foram seguindo e viram a meza posta, depois o caldeirão e, por ultimo, o quarto onde elas se meteram, debaixo da cama.

Os coelhinhos chegaram, e, um deles, o mais bonito, tirou a pele, e disse as palavras que já se sabem :

A liga, a liga, o cordão, o cordão,
Quem me dera a vossa dona
Que me prende o coração.

A princeza, não podendo conter-se, saiu de debaixo da cama e disse, doida de alegria :

—Estou aqui, coelhinho branco!

Caíram nos braços um do outro, chorando de alegria. Estava quebrado o encanto.

Os outros coelhinhos transformaram-se em rapazes perfeitos, o caldeirão num palacio, o burro verde num exercito e a grande cova da lage, num reino como era anteriormente.

Tempos depois casaram, vivendo muito felizes em companhia da velhinha, que ainda viveu muitos anos.



A Fada do Bem e a Fada do Mal

Por Francisco Leon de Castro — Desenhos de Tiotónio



A longe, muito ao longe, no horizonte ia despontando o sol, e já Manuel, o pastorinho, seguia com seu rebanho pela estrada fóra em direcção à colina,

Ai, enquanto as ovelhas pastavam, estendia o seu jaquetão sobre a relva e com a sua flauta entoava as várias melodias da aldeia.

Quando chegava a noite contava as ovelhas e seguia outra vez para o curral.

Uma tarde, estando Manuel tocando uma ária, ouviu um cântico suave que ia aumentando à maneira que Manuel deixava de tocar a sua flauta.

Manuel, voltando-se para o lado donde vinha a voz, viu a imagem duma mulher com lindas vestes, o rosto era lindo os olhos brilhavam muito e um grande trança de cabelos pretos, chegava-lhe a meio das costas.

— «Manuel (disse a fada) vem comigo para a cidade. Abandona a vida de guardador de gado e torna-te um verdadeiro homem civilizado. Abandona essa vida de pastor. Deixa o teu humilde e nauseabundo curral onde dormes junto com o gado, e vive nos grandes hotéis onde só reina a alegria. Vem Manuel, vem. Deixa já aí o gado e vem comigo! ...»

Manuel começou a pensar que queria aquela mulher que assim lhe falava.

Passados alguns instantes, respondeu:

— Não, não vou. Prefiro a vida de guardador de gado à vida das grandes cidades. Não, não quero trocar o sossêgo da minha aldeia pelo bulício da cidade.

— Vem Manuel vem, tornou a fada. E' muito melhor estares sentado num sofá, sem ralações, com criados a servir-te, do que estares ao serviço dos outros.

A fada do mal fantasiou tantas coisas ao pobre Manuel, que este acabou por ceder e seguiu com ela para a cidade deixando o gado, o jaquetão e a flauta abandonados naquela colina onde ele passou tantas horas alegres.

Passados dias, já Manuel era outro.

Vestia elegantemente e frequentava os cafés, os clubs e os teatros.

Muitas vezes quando recolhia a casa, altas horas da noite, já ia embriagado.

Levava a vida de um verdadeiro boémio. Cheio de vícios, êle que era tão saudável, começou a emagrecer e a tornar-se fraco.

Em breve se aborreceu daquela vida.

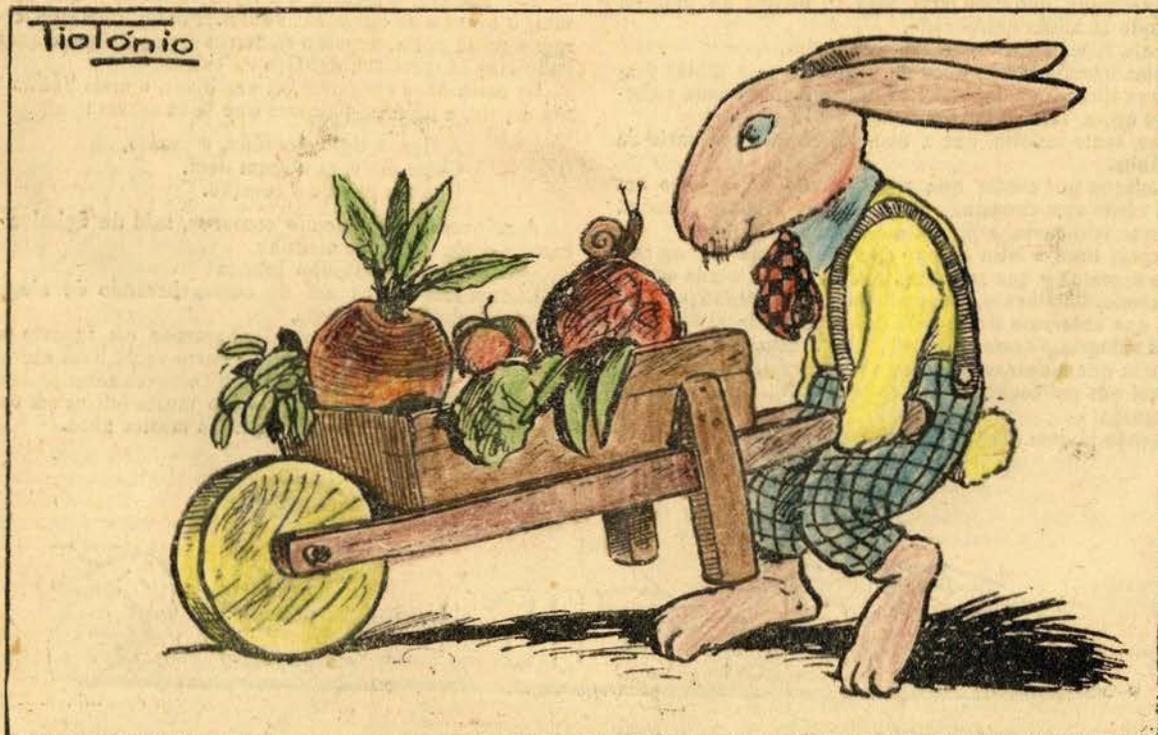
Uma vez começou a meditar e a dizer para consigo,

— Mas que vida esta! Eu que sempre trabalhei e vivi à custa do meu trabalho, estou agora sentado numa poltrona sem trabalhar e vivendo à custa duma fada que me quiz tirar desta vida do bem para me meter nesta vida de boémio.

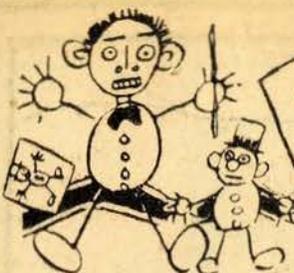
E, de cabeça baixa, ainda mais melancólico, relembrava as horas de alegria que passava quando estava na colina

(Continúa na página 8)

PARA OS MENINOS COLORIREM



COELHINHO VEM DA HORTA



Desenho Infantil -

por TIO TÓNIOS

PRIMEIRO CONCURSO DE DESENHO INFANTIL

FOI muito lisonjeiro o resultado do 1.º concurso de Desenho.

De toda a parte elogiaram esta iniciativa do «Pim-Pam-Pum», o que demonstra, da parte dos seus leitores, o interesse que o jornalinho lhe merece.

Alguns, porém, tomaram num errado sentido as condições do concurso, copiando em absoluto os modelos anteriormente publicados.

Esses modelos, serviam de exemplo para a execução dos vossos trabalhos, e nada mais.

Também não aconselhamos que fizessem os trabalhos mal feitos. O que queríamos apenas, era que, cada um, segundo os seus recursos artísticos, desenhasse um, ou mais modelos do natural e não copiasse uma estampa, fosse ela qual fosse.

Não queremos fazer com as lições uns artistas exímios.

Limitamos as nossas ambições a ministrar aos jovens desenhadores, as mais elementares regras de desenho, exemplificando-as com modelos ao seu alcance.

Pelo resultado alcançado por este primeiro concurso, é de prever um maior entusiasmo pelos concursos que se seguem, pois o assunto é menos ingrato.

Não é asneira colocar um pequenito de poucos anos em frente de um modelo, para que ele o represente no papel, segundo as suas fracas aptidões.

São tão apreciáveis esses desenhos como outros quais-

quer, pois, tendo em vista a idade, revelam já muitas qualidades de observação.

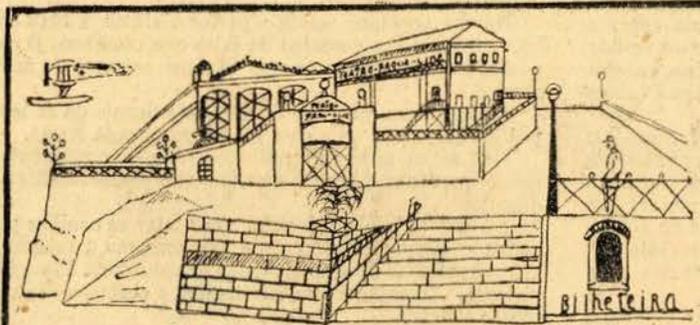
Até encerrarmos o concurso, estavam inscritos os trabalhos dos seguintes leitores:

Constantina Palmeiro Gomes, Mariana Simões Lopes, Ressurreição Agostinho, Artur Eduardo Santa Barbara, José Frederico Bénard Guedes, Maria Henriqueta Bénard Guedes, Américo da Gloria Patricio, Carlos Gama, Felícia de Jesus Batista, Francisco Alberto Teixeira, Inocencio Galvão Teles, Joaquim dos Reis Santos, Afonso de Magalhães Dantas Gama, Manuel Augusto Valentim, Alfredo José Lopes Moreira, Jaime Carmo Amorim de Macedo, Duarte Carvalho Vieira, Joaquim A. R. Salema, Abilio Ribeiro de Moura Jerónimo Marques Moura, Maria do Ceu Quirino da Fonseca, Antonio Fradinho Calvario, Elisio Julião Limpo de Lacerda, José Encarnação Baranha, Dinah Guedes da Piedade, Vasco Pinho e Costa, José Rodrigues Cercas Junior, Arlette Maria Caldeira da Costa, J. Vaz Saraiva Máximo, Mario Alves, Joaquim Pinada Silva, Franklin José Marques, Maria Amélia Ferreira dos Santos, Adosinda Rafael Vieira, Manuel Rodrigues de Almeida, Arminio Gloria Silva, José Augusto Carvalho, Americo Varela Geraldo, Virgilio Tavares da Fonseca.

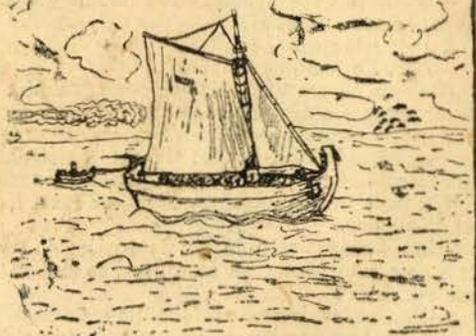
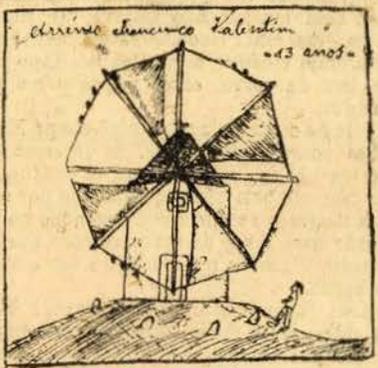
Foram excluídos do concurso dezenas de desenhos que não estavam nas condições os quais, caso mereçam, serão publicados.

No proximo numero daremos a decisão.

Colaboração infantil



Desenho Infantil de José Augusto Alves de Moura, 11 anos de idade. Livro.



Joaquim Francisco Nunes de 14 anos de idade. (Alhandra.)

